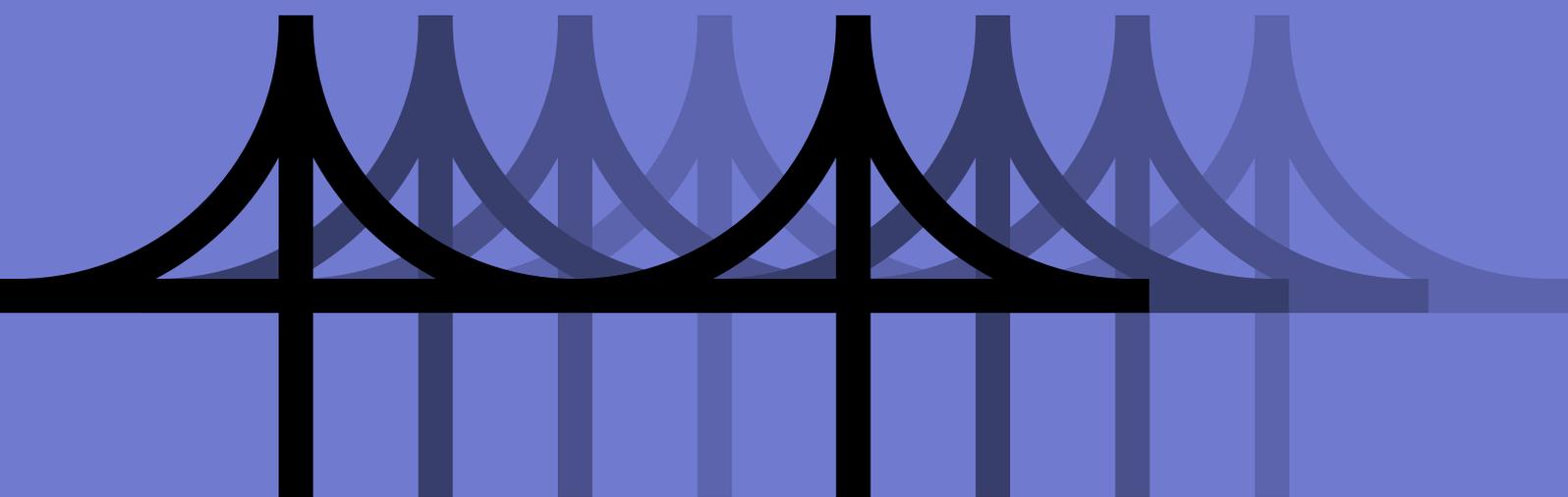


LISBON REVISITED

DIAS DE POESIA



27-28-29 JUN'19

Teatro Maria Matos



Casa
Fernando
Pessoa

CASA FERNANDO PESSOA . PT

 **EGEAC**

Mesmo de portas fechadas, a Casa Fernando Pessoa traz à cidade a poesia que hoje se faz. Regressa *Lisbon Revisited – Dias de Poesia*, segunda edição do encontro internacional com poetas portugueses e estrangeiros, para passar a conhecer ou conhecer melhor em conversas e leituras de poemas.

Com:

ANA PAULA TAVARES *Angola*

BILLY COLLINS *EUA*

DANIEL JONAS *Portugal*

MÓNICA DE LA TORRE *México*

NATHALIE HANDAL *França/EUA*

NUNO JÚDICE *Portugal*

ROSA OLIVEIRA *Portugal*

TOMICA BAJSIĆ *Croácia*

Outra vez te revejo — Lisboa e Tejo e tudo

Línguas diferentes para juntar ao português, poetas já muito lidos em Portugal e outros inéditos, oito escritores de poesia, homens e mulheres, reunidos em Lisboa para ler os seus poemas e falar sobre eles. Com o poema de Álvaro Campos a dar o título, o encontro de poesia deste ano estende-se por três dias e conta com a participação de quem traduziu, leu e conhece bem o trabalho destes poetas, dialogando com eles e apresentando-os ao público.

Programa integrado nas Festas de Lisboa.

O programa **Lisbon Revisited – Dias de Poesia** foi lançado no ano passado para recuperar uma prática da Casa Fernando Pessoa no que respeita ao encontro do público de Lisboa com poetas estrangeiros, e o ao qual juntamos uma presença equiparada de poetas “de cá”.

Foi a poetas, tradutores, leitores “de cá” que pedimos sugestões sobre poetas estrangeiros a convidar, para as juntar às nossas próprias leituras: quem são os poetas com quem gostariam de conversar, que gostariam de dar a conhecer?

Este ano, convidámos quatro poetas que escrevem em português: Nuno Júdice, Daniel Jonas, Rosa Oliveira e a angolana Ana Paula Tavares. O ponto de partida, a relação com a linguagem, o momento e o lugar da chegada à escrita, a experiência de publicação são alguns dos elementos que fazem a diversidade do grupo.

Convidámos o poeta laureado Billy Collins – que muitos leitores portugueses quererão ouvir. Convidámos Mónica da la Torre, mexicana residente nos Estados Unidos, e Nathalie Handal, franco-americana, de família palestina – duas escritoras desconhecidas da maior parte do público, que têm agora os primeiros poemas traduzidos para português, numa tentativa de abrir caminho para edições futuras. Tomica Bajsić, croata com uma poesia marcada pela guerra da Jugoslávia, regressa a Lisboa.

Que voltemos aos mesmos poetas, que convidemos outros menos conhecidos, que apostemos em traduções de qualidade, que chamemos a Lisboa os poetas consagrados, que poetas portugueses e estrangeiros se conheçam e conversem sobre o que fazem. É o que procuramos. Que se troquem livros e sugestões de leitura. Que os poetas se leiam uns aos outros. Que se faça tudo isto com o público, que assim reencontra ou descobre estes autores.

Este ano, convidámos um interlocutor para cada poeta, para conseguirmos ir mais longe no contacto com os escritores. É também através de entrevistas e conversas que identificamos singularidades, relevadas por pequenas histórias que nos ficam na memória, em ligação com um verso, um poema, uma ideia. Serão os “leitores especializados” escolhidos para cada poeta que farão a sua apresentação na noite de Abertura e que conduzirão as conversas nos restantes dois dias do programa, com tempo para que o público faça as suas próprias perguntas.

Conversar sobre poesia, ouvir os poetas ler os seus poemas, falar sobre as suas próprias leituras, como se vêem na escrita. Em várias línguas, sempre com tradução; com livros à venda e os autores perto de nós. O palco da poesia pode ser qualquer rua – habitável, percorrível, aqui ao lado.

Clara Riso
Directora da Casa Fernando Pessoa



*O génio do lugar soltou os ventos
Histórias velhas na língua nova
Dançou sobre o abismo anunciou
A vinda dos pássaros sobre as sementes*

Ana Paula Tavares

Ligada à natureza da terra, aos ciclos vitais de lugares e corpos, a poesia de Ana Paula Tavares reflecte também sobre justiça e direitos. “O sonho da cronologia e o seu avesso” ficaram para sempre nesta escrita – palavras suas.

Ana Paula Tavares nasceu na Huíla, Sul de Angola. É licenciada em História e Doutorada em Antropologia (Etnografia). Em Portugal publicou, de poesia: *O Lago da Lua* (1999); *Dizes-me Coisas Amargas como os Frutos* (2001), *Ex-Votos* (2003), *A Cabeça de Salomé* (crónica, 2004), *Manual para Amantes Desesperados* (2006), *Ritos de Passagem* (publicado em 2007 em Portugal, mas pela primeira vez em Angola em 1995, marca a sua estreia como poeta). Em prosa, assina *Como Veias Finas na Terra* (2010) e ainda, em parceria, *Os Olhos do Homem que Chorava no Rio* com Manuel Jorge Marmelo (2005) e *Verbetes para um Dicionário Afetivo*, com Manuel Jorge Marmelo, Ondjaki e Paulinho Assunção (2016).

Tem também publicado estudos sobre História de Angola e está presente em diversas antologias em Portugal, Brasil, França, Alemanha, Espanha e Suécia. Foi distinguida com o Prémio Literário Mário António, da Fundação Calouste Gulbenkian (2004), com o Prémio Nacional de Cultura e Arte, em Literatura (Luanda, 2007) e com o Prémio Internazionale Ceppo/Pistoia, Firenze (2013).

Nos últimos anos tem desempenhado diversas actividades profissionais, como a docência, em Angola e Portugal. Foi delegada do Ministério da Cultura no Kwanza-Sul (1978 a 1980); Técnica Superior do Museu Nacional de Arqueologia, em Benguela (1980 a 1983); Directora Nacional do Património Cultural em Luanda (1985 a 1987) e Directora do Gabinete Técnico da Secretaria de Estado da Cultura, em Luanda (1987 a 1991).

Disse em entrevista publicada revista *BUALA*, conduzida por Pedro Cardoso: “a escrita, em português, ficou para sempre ligada ao paradigma da oralidade, da chama do lugar, do acompanhamento dos ciclos, do respeito pela diferença, do horror à injustiça”.

*Somos aquelas antiquíssimas pessoas
que ainda movem os lábios em latim
não só para dizer ave maria mas canis canis
ou carpe diem mais desejo que processo
sabemos os tempos dos verbos*

“Ao apelar para tradições locais (e do Sul, neste caso), o verso da Paula Tavares reinsere-se clara e assumidamente na linha de cruzamento dos discursos «ocidentais» (da Europa e Estados Unidos, em primeiro lugar) com os africanos.”

Francisco Soares,
Notícia da Literatura Angolana
(Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2001)

“Pela sua poesia Ana Paula Tavares exige uma outra nomeação das coisas, dos corpos, das pessoas e da terra; fala da memória dos lugares, do amor, dos nascimentos, das outras falas e saberes de Angola. Mas fala sobretudo das mulheres e do silêncio gritante que as habita, num país feito pelas mulheres como é Angola.”

Margarida Calafate Ribeiro
Centro de Estudos Sociais,
Universidade de Coimbra



*Este é o lugar onde a linguagem acaba,
onde o cavalo que nos transportou a vida toda
se empina perante o vertiginoso abismo.*

Billy Collins

Pela primeira vez no país para esta edição de *Lisbon Revisited – Dias de Poesia*, apesar do título do seu livro mais recente: *The Rain in Portugal*.

**LISBON
REVISITED**

DIAS DE POESIA

É autor de onze livros de poesia, o mais recente *The Rain in Portugal* [A Chuva em Portugal], publicado pela Picador Poetry em 2016. Entre os outros dez incluem-se *Aimless Love: New and Selected Poems* (2013), *Horoscopes for the Dead* (2011), *Sailing Alone Around the Room* (2001), *Picnic*, *Lightning* (1997), *The Art of Drowning* (1995) e *Questions About Angels* (1991).

Compilou três antologias. *Poetry 180: A Turning Back to Poetry* e *180 More: Extraordinary Poems for Every Day* resultam do seu projecto de levar os alunos do secundário a ler um poema por cada dia de aulas. *Bright Wings* é uma antologia ilustrada de poemas sobre pássaros.

O seu trabalho aparece regularmente na publicação *The Best American Poetry* — um projecto de David Lehman, que todos os anos convida um editor para organizar em livro uma vista panorâmica da produção poética contemporânea nos EUA. Billy Collins foi, aliás, o editor convidado na edição de 2006.

Em 1992, foi escolhido pela Biblioteca Pública de Nova Iorque para ser um “Literary Lion” (distinção atribuída anualmente, cujo nome remete para as mascotes da instituição).

Licenciado pela Holy Cross College, doutorou-se na Universidade da Califórnia, em Riverside. Integra o Instituto Winter Park da Rollins College.

Foi durante duas temporadas Poeta Laureado dos Estados Unidos (2001-2003) e Poeta do Estado de Nova Iorque (2004-2006).

Em 2014, a Averno publicou *Amor Universal*, antologia de poemas traduzidos para português por Ricardo Marques, uma edição de tiragem única.

O DONO, SEGUNDO O SEU CÃO

*Ainda que pareça tão jovem,
estou a envelhecer mais depressa do que ele,
sete para um
é a proporção que costumam dizer.*

*Seja qual for o número,
vou ultrapassá-lo um dia
e assumir a liderança
tal como faço nas nossas caminhadas no bosque.*

*E se isto alguma vez
lhe passar pela cabeça,
seria a mais doce
sombra que alguma vez lancei sobre a neve ou a erva.*

Tradução: Ricardo Marques

*“O poema resultante
poderá (...) tornar-se
numa experiência
para o leitor, como se
estivéssemos a escrever
o poema em conjunto,
embora eu siga sempre
um pouco mais
à frente!”*

disse em entrevista a João Luís Barreto Guimarães, publicada em Novembro de 2018 na revista *Telhados de Vidro*.

*“Diurna, a poesia
de Billy Collins pode
parecer até solar se não
fosse um ponto negro
em movimento que
eleva aos céus.”*

Maria da Conceição Caleiro, *Público*

*“Não é aconselhável
ir para cima destes
poemas com um bisturi,
puxar-lhes uma linha
ou isolar uns versos
para servirem de
ilustração ou amostra,
porque cada poema
é uma campânula
de vidro assente sobre
um episódio singular.”*

Diogo Vaz Pinto, *jornal i*



*E estas árvores são também
impossíveis: árvores
como furgonetas com seus toldos
esvoaçantes, rangendo
a grande dor da
mudança.*

Daniel Jonas

Poeta, dramaturgo e tradutor, quando escreve “o grande objectivo é que haja um bom casamento entre música e razão”, explicou na série *O poema ensina a cair*, de Raquel Marinho no Expresso Online.

**LISBON
REVISITED**

DIAS DE POESIA

Nasceu no Porto em 1973. Estudou literatura e especializou-se em Teoria da Literatura pela Universidade de Lisboa com uma dissertação sobre o poeta inglês John Milton, de que resultou a tradução de *Paraíso Perdido* (Cotovia, 2006). Prepara actualmente a sua tese de doutoramento na mesma Universidade, enquanto divide a sua carreira de docência entre o ensino básico e universitário.

Publicou nove livros de poemas, entre os quais *Sonótono* (Prémio PEN 2007; Cotovia, 2006), *Nó* (Grande Prémio de Poesia Teixeira de Pascoaes; Assírio & Alvim, 2014), *Bisonte* (Assírio & Alvim, 2016) e *Canícula* (Língua Morta, 2017). Recebeu o Prémio David Mourão-Ferreira/Cátedra Aldo Moro da Universidade de Bari para o conjunto da sua obra e foi um dos sete poetas europeus nomeados para o Prémio Europeu da Liberdade atribuído pela cidade de Gdansk, pelo seu livro *Passageiro Frequente*. O seu mais recente livro é *Oblívio*, galardoado com os prémios DST de Literatura e António Gedeão.

Traduziu vários autores, entre os quais Shakespeare, Wordsworth, Pirandello, Huysmans e Dickens.

Sobre o livro *Canícula*, escrito depois da residência literária Casa-Palavra (parceria da Casa Fernando Pessoa e Fundação José Saramago para o Festival Silêncio em 2016), disse: “Quis fazer um livro verdadeiramente lisboeta, toponimicamente preciso. A rua Duarte Belo é uma personagem (...) mas procurei que aquele anti-turista não autóctone passasse por uma espécie de novo heterónimo de Pessoa” (entrevista publicada no *Observador*, conduzida por Joana Emídio Marques).

POÉTICA

*Fechar a tampa do abrigo
e respirar
com serena convulsão
lançando o grande dirigível da escrita
depois retesar o arpão
e espremer o choco polvo
seus tentáculos tensos
na placa marmórea
ou na balança
é um negócio violento,
a testa escreve-se, um mundo progride,
decanta-se a bolha do nível,
esgaça-se a gaze
depois da fenomenologia dos petroleiros
a refinaria,
o guarda-nocturno de olhos
na trovoada e solidão
no monitor.*

*“A poesia de Daniel
Jonas atravessa tempos
diversos: o clássico,
o romântico, o moderno,
numa apoteose de rastos
e linhagens que
comparecem subtilmente.
Nela encontramos, no
mais alto grau, a ideia
da linguagem poética
como concentração
e densidade.”*

António Guerreiro, *Público*

*“Culta tanto como
ousada, numa hora
domina com gozo
e requinte o soneto,
noutra sai
desembestada pela
mais vasta e dispersa
paisagem, sem vénias
nem cuidadinhos”*

Diogo Vaz Pinto, *Sol*



*O cárdio-pugilato sempre controlava a coisa, achava eu.
Porém, ia chocando contra outras sombras do eu. Quando
o instrutor me esmurrou o nariz por acidente, percebi
que para ele eu não era um exemplo.*

Mónica de la Torre

Pode a poesia relacionar-se com a vida de escritório? Ainda não traduzida em Portugal, de la Torre questiona o ofício do tradutor, da poesia – e os lugares onde trabalhamos.

Mónica de la Torre trabalha com e entre duas línguas, o inglês dos Estados Unidos da América e o espanhol do México. O seu livro de poesia mais recente é *The Happy End/All Welcome*, escrito a partir da instalação artística de Martin Kippenberger *The Happy End of Franz Kafka's America*, foi publicado pela Ugly Duckling Presse que também lançou em 2018 a sua tradução de *Defense of the Idol* do modernista chileno Omar Cáceres. Escreveu, entre outros livros, *Public Domain* e *Sociedad Anónima*. Nasceu e cresceu na Cidade do México, vive em Nova Iorque desde os anos 90. Editora da BOMB Magazine (uma revista transdisciplinar que reúne artistas e escritores de Nova Iorque), Mónica de la Torre escreve sobre arte e colabora também frequentemente com artistas. Trabalhos seus recentes foram publicados nas revistas *Paris Review*, *Art in Print*, *Big Big Wednesday* e *A Public Space*. Ensina no programa de Artes Literárias na Universidade de Brown.

Margarida Vale de Gato traduziu os seus primeiros poemas para serem lidos em português no *Lisbon Revisited — Dias de Poesia 2019*.

PARA SAIR DO PERPÉTUO ESTADO DE ANSIEDADE EM QUE ME ENCONTRO

*Quis usar a laparoscopia,
a taciturna fluidez das manhãs,
as pulsões regressivas,
a tração dianteira.*

*Quis usar as luvas brancas,
a polimorfa endodermia,
o enxofre a subir pelas veias.
Deixar de ser um clássico embrião de envergadura
e converter-me no apito que regista os embarques,
numa sugestiva figura plástica,
num minúsculo necromante ambulatório.*

*“Com humor negro,
os poemas de la Torre
exploram as nossas
construções de identidade
e trajetórias.”*

Poetry Foundation

*“Uma escritora única,
que consegue, de
modo surpreendente,
vislumbrar e resgatar
objectos distantes que
vagueiam nos espaços
inexoráveis criados pelo
tempo e pela tradução.”*

Richard Maxwell (dramaturgo)



*Afinal, partir é como
empurrar o peso do nosso coração
contra a aldeia
cujo nome nos manteve acordados.*

Nathalie Handal

Poeta inédita em Portugal, Nathalie Handal passou uma larga temporada na cidade do Porto onde pôde ler escritores portugueses e interessar-se por Pessoa: “o seu trabalho permitiu-me reinventar a minha cicatriz e as minhas várias identidades, transformando fracturas em fragmentos de um todo”.

**LISBON
REVISITED**

DIAS DE POESIA

27—28—29 JUN'19 · CASA FERNANDO PESSOA · FORA DE CASA

Nathalie Handal cresceu entre a América Latina, França e o Médio Oriente. Estudou na Ásia, Estados Unidos e Reino Unido. É autora de um numeroso conjunto de livros, cujo mais recente, *Life in a Country Album* (2019), foi elogiado por Claire Messud que o descreve como um trabalho que “ilumina a exuberância e nostalgia do desenraizamento – um Orfeu contemporâneo”; *The Republics* (2015), foi também distinguido como “um dos livros mais inventivos escrito por uma das autoras mais diversificadas da actualidade”. Recebeu os prémios Virginia Faulkner Award for Excellence in Writing e Arab American Book Award. Os seus livros *Poet in Andalucía* (2012) e *Love and Strange Horses* foram igualmente aclamados pela crítica: no *The New York Times* este último foi considerado “um livro que vibra com a pertença (e a saudade).” Handal, entre outras distinções honrosas, é membro da Lannan Foundation, PEN International Croatia, Centro Andaluz de las Letras, Fondazione di Venezia e é vencedora do Alejo Zuloaga Order in Literature. É Professora na Columbia University e escritora convidada na American University of Rome. Escreve a coluna ‘The City and the Writer’, para a publicação *Words without Borders*.

Os poemas que lerá nesta edição de *Lisbon Revisited — Dias de Poesia* foram traduzidos por Rosalina Marshall.

CASA EM TRÂNSITO

*Não podemos calcular
a distância
entre um céu nomeado
e um coração partido
por isso memorizamos
os lençóis sonoros
na nossa mudança*

*“Alternando
estilisticamente entre
a narrativa – tingida
pela tradição romântica
– e um surrealismo vago,
muito do trabalho de
Handal é marcado
por várias formas
de fragmentação.
(...) Frequentemente
desconstrói os corpos
em partes e casas em
elementos: portas,
paredes, janelas.”*

Catherine Fletcher, *Poetry
Foundation*

CASA FERNANDO PESSOA · FORA DE CASA · 27—28—29 JUN'19

15



O poeta que apascenta os ventos dá a cada um nome de mulher: ao vento norte chama-lhe perpétua, a flor que fica e se prolonga no ouvido;

Nuno Júdice

Escreveu o primeiro poema aos oito anos, inspirado pelas emissões de poesia na televisão e rádio anos 1950 em Portugal. Vê a sua poesia como “um longo poema que pode ter começado no final da década de 60 e ainda não chegou ao fim”, disse, entrevistado por Ricardo Marques para o site *Poems from the Portuguese*.

**LISBON
REVISITED**

DIAS DE POESIA

Nasceu em Mexilhoeira Grande, Algarve, em 1949. Licenciado em Filologia Românica na Faculdade de Letras de Lisboa e Doutorado em Literaturas Românicas Comparadas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde foi professor de 1976 a 2015. Publicou cerca de 33 livros de poesia, 13 de ficção, 10 de ensaio e 5 de teatro. O seu primeiro livro, *A noção de poema*, saiu em 1972. A sua poesia foi reunida por duas vezes: em 1991 em a *Obra poética (1972-1985)*, na Quetzal, e em 2001 em a *Poesia reunida. 1967- 2000*, na Dom Quixote. Está traduzido em múltiplas línguas, tendo também exercido um trabalho de tradutor de poesia e de teatro. É o actual director da revista literária *Colóquio/ Letras*, da Fundação Calouste Gulbenkian, função que exerce desde 2009. A sua obra poética foi amplamente premiada em Portugal e no estrangeiro destacando-se, em 2013, pelo conjunto da sua obra, o XXII Prémio Rainha Sofia de Poesia Iberoamericana. No México recebeu em 2014 o Prémio Poetas do Mundo Latino e em 2017 o Prémio Juan Crisóstomo Doria às Humanidades, atribuído pela Universidade Autónoma de Hidalgo. Também em 2017 foi-lhe atribuído o Prémio Camaiore, um dos mais prestigiados prémios de poesia de Itália.

A LUZ DE LISBOA

A luz atravessa o quarto entre as duas janelas, e é sempre a mesma luz, embora de um lado seja o poente – onde está o sol, agora – e do outro o nascente – onde o sol já esteve. No quarto juntam-se poente e nascente, e é esta luz que confunde o olhar, que não sabe em que hora se situa a luz primeira. Então, olho a linha que percorre o espaço entre as duas janelas, como se não tivesse princípio nem fim; e o que faço é puxar essa linha para dentro do quarto, e enrolá-la, como se me pudesse servir dela para atar as duas extremidades do dia ao meio-dia, e deixar que o tempo fique parado entre duas janelas, a poente e a nascente, até que o fio se volte a desenrolar, e tudo recomece.

“O universo poético de Júdice é o de uma descida ao mundo inconsciente, para dele extrair novas ligações e conexões que o real não deixa ver”

Maria João Cantinho,
Revista *Terceira Margem*

“Quando escrevo sobre esse quotidiano, sobre coisas simples, não é para me ficar por aí. É sempre para partir delas e chegar a um pensamento, a um plano onde as coisas adquirem outra dimensão”

respondeu a Maria Ramos Silva,
em entrevista publicada no jornal *Sol*.



*o que fica da memória
sobrevive
a doenças e quedas
entrou por algum poro da mente
ali ficou reclinado
acorda sob a luz de uma palavra
ergue-se à vibração de uma árvore interior*

Rosa Oliveira

Inaugurou a colecção de poesia da editora Tinta-da-China, esta poeta que diz ter chegado tarde à publicação de poemas. Começou por escrever cedo, com “um tempo largo de interregno” até retomar a produção que nos últimos anos chegou em dois livros aos leitores portugueses.

**LISBON
REVISITED**

DIAS DE POESIA

Rosa Oliveira nasceu em Viseu. Publicou os ensaios *Paris 1937* e *Tragédias Sobrepostas: Sobre “O Indesejado” de Jorge de Sena*. Foi leitora na Universidade de Barcelona e é professora no ensino superior politécnico. *Cinza*, o seu primeiro livro de poesia (Tinta-da-China, 2013), foi galardoado com o Prémio PEN Clube Primeira Obra. *Tardio* (Tinta-da-China, 2017) obteve o Prémio Literário Fundação Inês de Castro 2017. Tem poemas editados nas publicações literárias *Relâmpago*, *Colóquio-Letras*, *Suroeste* (Badajoz, 2016), *Cidade Nua*, *Eufeme*, *Nervo*, *Lógos* e nas antologias *Voo Rasante* (Mariposa Azual, 2015), *Manu Scripta* (SPA/Glaciari, 2018) e *Os cem melhores poemas portugueses dos últimos cem anos* (Companhia das Letras, 2017). Publicou um conto na revista *Granta* 8 (Tinta-da-China, 2016).

ALWAYS LATE, TOUJOURS EN RETARD

*aparentemente os sítios não mudaram de local
as coisas permanecem nelas
algumas gaguejam ao longe
por vezes as casas sobrevivem a custo
na sua respiração forçada
até os cheiros podem atravessar o tempo
trespassar pessoas
cruzar os dedos*

*lamento, gente toda desaparecida
tinha tanta pressa que já não vou a tempo*

“Na poesia de Rosa Oliveira existe margem para a hesitação, para o que se diz e o que se evita, para o que a vida perdeu a oportunidade de dizer.”

Diogo Vaz Pinto, *i*

“Há nesta poesia uma tensão fundamental entre a racionalidade olímpica e os estados emotivos, um recuo “pensante” que coloca tudo a uma certa distância, por mais próximo que seja”

António Guerreiro, *Público*



Embora tenhamos vindo de diferentes lugares, somos próximos uns dos outros e estrangeiros para todos na plateia, esses rebentos da árvore familiar de folhas douradas, contrária à nossa árvore selvagem de esperanças cortadas. Ao saírem desta sala, têm a sua espera trabalho à medida do ser humano.

Tomica Bajsić

“Um dos mais autênticos poetas croatas contemporâneos”, Tomica Bajsić testemunha com a sua poesia a experiência de guerra na primeira pessoa. Esteve em 2017 na Casa Fernando Pessoa, na sessão “Uma casa que dantes era azul” onde se ouviu os seus poemas em croata e português.

**LISBON
REVISITED**

DIAS DE POESIA

27—28—29 JUN'19 · CASA FERNANDO PESSOA · FORA DE CASA

Tomica Bajsić é poeta, prosador, artista gráfico e tradutor. Autor de cinco livros de poesia, dois livros de viagem e um livro de imagens para crianças. Tradutor e editor de quatro antologias de poesia internacional. Distinguido com prémios nacionais de poesia. A sua poesia e prosa estão traduzidas para várias línguas. Trabalha também em ilustração e design gráfico. Mostrou o seu trabalho fotográfico em duas exposições em Zagreb: *Amazon Breathes*, no Centro Cultural e a *Brazilian Rainforest* no Museu Mimara. É editor de poesia estrangeira na revista *Croatian Poezija* e fundou a editora Drugapriča Design & publishing. Preside o PEN International Croatia e é coordenador croata da Lyrikline (plataforma mundial de poesia escrita e áudio, baseada em Berlim).

NOITE NO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL

*Na véspera da invasão russa,
no Museu de História Natural de Praga,
eu mapeava espécimes de peixes-serra
e tartarugas gigantes,
que emergem no Adriático
de cinquenta em cinquenta anos.
Ordenava infindáveis
borboletas de mansas cores,
coleccionava conchas dos sete mares.
Retirava das caves fósseis porosos
e ossos esquecidos de delfins.
Antes de me tirarem a chave do museu,
deixei um polvo dançar
na eternidade envidraçada.
Agora perguntam-me
como é que um professor de biologia
suporta o lugar de coveiro que lhe deram no cemitério local.
Nada de estranhar, respondo, não-de perceber que
quanto mais fundo enterro a pá,
mais perto fico da fonte da vida.*

Tradução de Tamina Šop e Rui Manuel Amaral.

“Com uma voz fortemente poética, os seus livros não seguem a matriz neorrealista dominante na sua geração, mas antes aproximam-se de uma cosmogonia linguística fantástica nas suas narrativas”

Katarina Mažuran

“Até aqui não tinha surgido na Croácia um poeta com este humanismo universal e com tal fé no poder de cura de um projecto artístico”

Damir Šodan (tradutor)

CASA FERNANDO PESSOA · FORA DE CASA · 27—28—29 JUN'19

21

Outros participantes

António Guerreiro

Ensaísta, Assistente convidado na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, crítico literário e cronista do jornal *Público*. As suas áreas preferenciais de produção crítica e ensaística são a Literatura Portuguesa Contemporânea, a Estética e a Arte Contemporânea, e a Crítica Cultural.

Joana Matos Frias

É Professora Auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, membro do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, membro da Direcção da Sociedade Portuguesa de Retórica e da Rede dos Professores de Literatura Brasileira em Portugal, e investigadora da rede internacional LyraCompoetics. Autora dos livros *O Erro de Hamlet: Poesia e Dialética em Murilo Mendes* (2001), *Repto, Rapto* (2014), *Cinefilia e Cinefobia no Modernismo Português* (2015), e *O Murmúrio das Imagens* (2 vols., 2018). Organizou e prefaciou as antologias *Um Beijo que Tivesse um Blue*, de Ana Cristina César (2005) e *Passagens: Poesia, Artes Plásticas* (2016); coorganizou a edição fac-similada dos *Cadernos de Poesia* (com Luís Adriano Carlos, 2005), a antologia *Poemas com Cinema* (com Rosa Maria Martelo e Luís Miguel Queirós, 2010), bem como os volumes de ensaios *A Time to Reason and Compare: International Modernism Revisited One Hundred Years after* (com Jorge Bastos da Silva, 2016) e *Ofício Múltiplo: Poetas em Outras Artes* (com Pedro Eiras e Rosa Maria Martelo, 2018).

Maria Sequeira Mendes

Lecciona no Programa em Teoria da Literatura (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). Antes disso, foi professora no curso de Teatro da ESTC (Escola Superior de Teatro e Cinema). É investigadora na Universidade Católica Portuguesa (CECC), membro correspondente do Centre for Mediaeval and Early Modern Law and Literature (University of St Andrews). Foi *Beufort visiting scholar* em St John's College, na Universidade de Cambridge (2016). Publicou nas revistas *Law and Literature*, *Law and Humanities* e *Multicultural Shakespeare*, entre outras. Prepara neste momento a publicação de *The Ordeals of Interpretation* e está a escrever um segundo livro sobre lisonja e Shakespeare. Nos tempos livres colabora com a companhia Teatro Cão Solteiro e é editora do site sobre poesia e crítica *Jogos Florais*.

Maria João Cantinho

Nasceu em Lisboa, em 1963. Estudou Filosofia na Universidade Nova de Lisboa, onde realizou dissertação de mestrado e de doutoramento. Tem quatro livros de poesia, dois de ficção e um de ensaio. A sua poesia está traduzida em diversas antologias: mexicana, brasileira, espanhola e francesa. Organizou antologias de poesia portuguesa em algumas revistas estrangeiras. Tem no prelo um livro de ensaio. Tem colaborado regularmente com várias publicações literárias portuguesas, brasileiras e francesas e é editora executiva da revista on-line *Caliban*. É investigadora integrada do Centro de Filosofia da Faculdade de Letras de Lisboa e no Centre d'Études Juives et Philosophie Contemporaine da Universidade da Sorbonne IV.

Marta Lança

Nasceu em Lisboa, em 1976. Doutoranda em Estudos Artísticos na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Criou as publicações *V-ludo*, *Dá Fala* (Cabo Verde), edita o portal *BUALA* e escreve em publicações culturais. Trabalhou na Universidade Agostinho Neto, Trienal de Luanda e Festival Internacional de Cinema, em Angola (2005-8), no Dockanema, Maputo (2009), e passa temporadas no Brasil. Organizou o Roça Língua, encontro de escritores lusófonos (S.Tomé e Príncipe 2011); o ciclo Paisagens Efémeras, dedicado a Ruy Duarte de Carvalho (2015) e, com Raquel Lima, "Para nós, por nós": produção cultural africana e afrodiaspórica (2018). Faz pesquisa em cinema. Traduziu *Crítica da Razão Negra* e *Políticas da Inimizade*, de Achille Mbembe (Antígona 2014 e 2017).

Ricardo Marques

Doutorado em Estudos Portugueses pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde desenvolve investigação pós-doutoral no Instituto de Estudos de Literatura e Tradição sobre revistas literárias do Modernismo. Desenvolve actividade crítica em revistas da especialidade (*Colóquio-Letras*, *JL*, *Relâmpago*) sendo também tradutor de poesia, tem editado dispersamente algumas dessas traduções. Neste âmbito foram publicados, entre 2011 e 2018, as antologias poéticas de Tennessee Williams, Amy Lowell, D.H. Lawrence, Vicente Huidobro, Patti Smith, Billy Collins, entre outros. Prepara uma antologia de poetas futuristas europeus, seleccionados e traduzidos por si. É ainda co-coordenador do Seminário de Tradução Colectiva da Casa de Mateus. Depois de *Na Teia do Poema: um percurso intertextual na Poesia de Nuno Júdice* (Chiado Editora, 2013), viu a primeira obra de poesia publicada no Brasil (Makar, Arqueria Editorial, 2014). O seu último livro de poemas é *Lucidez*, (não (edições), 2019).

LISBON REVISITED

DIAS DE POESIA

Rosalina Marshall

Poeta, tradutora, bibliotecária e investigadora no atelier do arquitecto Norman Foster. Nasceu em Lisboa e vive em Londres desde 2003. Estudou Filosofia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e fez uma pós-graduação em Tradução pelo Chartered Institute of Linguists em Londres. Publicou os livros *Manucure* (Companhia das Ilhas, 2013), *Ginecologia - Considerações em defesa da virgindade de Nossa Senhora* (não (edições), 2014), *Clorântida* (Douda Correria, 2015) e *Sebastião* (Mariposa Azul, 2017). Desde 2013 tem vindo a participar em diversas publicações em Portugal e no Brasil. Recentemente traduziu antologia poética de Charles Bukowski *Os Cães Ladram Facas* pela editora Alfaguara (2018) e seleccionou e traduziu a antologia poética de Ron Pagett *Poemas Escolhidos* publicada pela editora Assírio & Alvim (2018).

Tamina Šop

Tradutora. Nasceu em Belgrado, em 1985. Estudou Literaturas Comparadas e Biologia. Traduziu para sérvio vários livros de Gonçalo WM. Tavares, tendo recebido o Prémio Radoje Tatić para a melhor tradução de língua portuguesa e castelhana em 2013 e 2014, com o livro *Histórias falsas*. Ganhou o prémio nacional de tradução Milos Djurić, em 2016, com a tradução de *O Manual dos Inquisidores*, de António Lobo Antunes. Vive e trabalha no Porto. É fundadora e co-editora da Flop. Neste momento, está a preparar uma antologia de poemas de Tomica Bajsić em português.

Programa detalhado

Entrada livre, sujeita à lotação da sala.

Abertura e conversas em português e inglês, com interpretação (tradução simultânea).

Leituras nas línguas originais com traduções para português e inglês.

Sessões com interpretação em Língua Gestual Portuguesa, mediante marcação até 48 horas antes através do email info@casafernandopessoa.pt

27 JUN Qui

Abertura

Marta Lança apresenta
ANA PAULA TAVARES ANG

Ricardo Marques apresenta
BILLY COLLINS EUA

António Guerreiro apresenta
DANIEL JONAS PT

Maria Sequeira Mendes apresenta
MÓNICA DE LA TORRE MEX

Rosalina Marshall apresenta
NATHALIE HANDAL FR/EUA

Maria João Cantinho apresenta
NUNO JÚDICE PT

Joana Matos Frias apresenta
ROSA OLIVEIRA PT

Tamina Šop apresenta
TOMICA BAJSIĆ CRO
18:30 — 20:30

28 JUN Sex

Conversas

ROSA OLIVEIRA PT
DANIEL JONAS PT
com Joana Matos Frias
17:00 — 18:15

MÓNICA DE LA TORRE MEX
com Maria Sequeira Mendes
18:30 — 19:15

Leituras

ROSA OLIVEIRA PT
DANIEL JONAS PT
MÓNICA DE LA TORRE MEX
21:00 — 22:00

29 JUN Sáb

Conversas

BILLY COLLINS EUA
com Ricardo Marques
15:30 — 16:15

ANA PAULA TAVARES ANG
NATHALIE HANDAL FR/EUA
com Marta Lança
16:30 — 17:45

TOMICA BAJSIĆ CRO
NUNO JÚDICE PT
com Maria João Cantinho
18:00 — 19:15

Leituras

BILLY COLLINS EUA
NATHALIE HANDAL FR/EUA
ANA PAULA TAVARES ANG
TOMICA BAJSIĆ CRO
NUNO JÚDICE PT
21:00 — 22:00

Ficha técnica

ORGANIZAÇÃO

Casa Fernando Pessoa/EGEAC

DIRECÇÃO

Clara Riso

Fátima Campos (adjunta)

PRODUÇÃO E LOGÍSTICA

Inês Cunha

COMUNICAÇÃO

Margarida Ferra

TRADUÇÕES

Ana Hudson, Gabriel Gbadamosi, Julia Sanches,

Margarida Vale de Gato, Rosalina Marshall,

Ricardo Marques, Rui Manuel Amaral,

Tamina Šop, Vincent Barletta

DESIGN

atelier-do-ver

DIRECÇÃO TÉCNICA

Manuel Martins

DIRECÇÃO DE CENA

Rita Monteiro

VENDA DE LIVROS

Letra Livre

**LISBON
REVISITED**

DIAS DE POESIA

27—28—29 JUN'19 · CASA FERNANDO PESSOA · FORA DE CASA

CASA FERNANDO PESSOA · FORA DE CASA · 27—28—29 JUN'19

